

## NACIONALISMO, INTERNACIONALISMO, TRADUÇÃO E LOBATO

John Milton  
Universidade de São Paulo

Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo, no qual examino a importância da tradução na construção da nação, e a importância de vários tipos de tradução na defesa de causas nacionalistas. Basicamente sigo a premissa de Maria Tymoczko de que o uso de tradução para objetivos políticos e nacionalistas não necessariamente favorece algum tipo ou estilo de tradução, e que a utilização de tradução para fins políticos poderia incluir adaptação, alterações e o acréscimo de material.

Além de fornecer “monumentos”, que são de grande importância para o desenvolvimento de um senso de identidade nacional, a tradução também pode ajudar a reunir os membros de uma nação. Benedict Anderson entende que o romance popular e o jornal são maneiras importantes nas quais “a comunidade imaginada” é expressa. Preenchem as condições de Ernest Renan para a nação: “L'essence d'une nation est que tous les individus aient beaucoup de choses en commun” (in Anderson:6). As “comunidades imaginadas” consistam de milhões de pessoas lendo o mesmo jornal nos mesmos dias, a última edição das séries de romances populares no mesmo período de horas ou dias, e, claro, hoje, assistindo a mesma novela ou jogo de futebol na televisão na mesma hora.

A literatura traduzida também pode desempenhar um papel importante na formação da visão do mundo de uma nação familiarizando seus cidadãos com coisas estrangeiras, assim aumentando o senso de sofisticação dos membros da “comunidade imaginada” da nação, e fazendo com que sejam membros da comunidade “imaginada” internacional.

O projeto cobre os seguintes períodos: o Brasil nos anos de 1930 e 1940, que seria o sujeito deste trabalho; a Turquia no período de Atatürk, após 1923, quando o Departamento de Tradução do governo ajudou a ocidentalizar a mentalidade turca; a Inglaterra na época de Chaucer, quando a literatura inglesa começou por meio de modelos estrangeiros; e a Itália no século de, quando o aumento na publicação de romances estrangeiros ajudou a formar um senso de pertencer a um país chamado, e também a relação entre o governo fascista e editoras na época de Mussolini.

Este trabalho concentra-se no relacionamento da tradução à nação de dois elementos diferentes e contrastantes: a importância da política fiscal governamental, e a importância de promotores de cultura específicos. Primeiro analiso a política nacionalista do governo Getúlio Vargas nos anos 30 e 40, e depois concentrarei-me em Lobato, que é de grande relevância no estabelecimento da indústria do livro no Brasil.

### **A tradução e o nacionalismo**

Um dos eixos mais importantes na história no Brasil é o dos nacionalistas protecionistas, que geralmente são a favor de impostos altos sobre bens importados, contra os internacionalistas, que acreditam que o Brasil deveria assumir seu papel no mercado mundial. Tradicionalmente, os produtores de café, com medo de represálias dos mercados da Europa e da América do Norte, foram os mais fortes partidos a favor do livre comércio, embora, nas últimas décadas, a importância do café tem sido muito reduzida. No último ano essa discussão tem sido centrada nas vantagens do ingresso do Brasil na ALCA.

O governo protecionista e nacionalista dos anos de 1930 tentou desenvolver a indústria brasileira, com uma política de substituição de importações. Assim, impostos altos foram colocados em bens importados, incluindo livros e papel.

Mas a equação é um pouco mais complicado. Em 1918, Lobato criticou o governo brasileiro por causa dos impostos baixos em livros importados, com o resultado de que o custo dos livros importados nas livrarias era muitas vezes mais baixo de que seus equivalentes brasileiros. Além disso, pela necessidade de suprir o mercado pequeno para obras técnicas e científicas, todos os livros importados do Portugal não levavam nenhum tipo de imposto. Lobato, enquanto editor, naturalmente queria que seus livros competissem em termos favoráveis com os livros importados.

Porém, no mesmo tempo, Lobato estava a favor de impostos baixos sobre papel importado. A indústria de papel incipiente no Brasil, que tinha um lobby muito poderoso, precisava importar máquinas caras e celulose, e não tinha as técnicas para importar papel de alta qualidade. Além disso, uma brecha que possibilitava o uso de papel importado para jornais, que não levavam nenhum tipo de imposto, para ser utilizado para a produção de livros, foi fechado em 1926.

As políticas protecionistas do governo Vargas durante os anos de 1930, após a derrota da *República Velha* pelos insurgentes nacionalistas, tiveram muito êxito em desenvolver a indústria editorial brasileira. A produção de livros aumentou consideravelmente durante os anos 30. As políticas governamentais tiveram efeitos grandes sobre a indústria livreira: uma reforma do ensino básico resultou numa demanda maior por livros escolares; a desvalorização do *mil-réis* (1930-31) resultou em livros importados serem, pela primeira vez, mais caros do que os livros publicados no Brasil. Isso ajudou a aumentar o número de traduções feitas no Brasil e reduzir o número de livros

importados da França, e também a aumentar o número de livros exportados do Brasil para o Portugal. As editoras também aproveitaram da situação muito precária do copyright na época, publicando várias edições da mesma obra, que podiam ser dirigidas a mercados diferentes.

As traduções obras literárias internacionais de êxito eram geralmente um investimento bom. Se a obra estivesse no domínio público, os royalties seriam zero, e as possibilidades da obra ser aceita pelo público brasileiro, que sempre olhava para fora do país, eram muito mais altas de que as de um livro escrito por um autor brasileiro desconhecido.

O *Instituto Nacional do Livro* foi estabelecido pelo governo de Getúlio Vargas para melhorar a distribuição de livros a bibliotecas públicas. Editou obras clássicas esgotadas e pretendia publicar a *Enciclopédia Brasileira* projeto baseado na enciclopédia italiana, *Triccani*, que havia sido publicado sob as auspícios de Mussolini. Porém, esse projeto nunca veio à luz.

Várias editoras particulares foram estabelecidas tanto na Argentina quanto no Brasil na década de 1930. Em “*Something Called Books*”: *Translations and Publishers’ Collections in the Editorial Booms in Brazil and Argentina from 1930 to 1950*” Adriana Pagano descreve o trabalho das editoras argentinas e brasileiras: Editora Globo, Companhia Editora Nacional, Martins and José Olympio no Brasil, and Sudamericana, Losada, Emecé and Claridad na Argentina.

Nesse período, de 1930 a 1950, havia, tanto no Brasil quanto na Argentina, um processo crescente de industrialização e urbanização. O mercado de trabalho expandia-se, permitindo assim um aumento no poder de compra para muitas pessoas que não haviam tido acesso a bens de consumo. Um aumento na renda pessoal resultava num aumento no consumo. As mudanças na política educacional do governo para melhorar o ensino básico e reduzir o analfabetismo resultou num aumento do alfabetismo e de leitores potenciais de revistas e livros. Outras área de

consumo que aumentaram muito nessa época eram as novas formas da mídia como o cinema e o rádio.

Muitas coleções foram editadas. Por exemplo, as coleções brasileiros Biblioteca dos Séculos” ou a “Coleção Globo”, da Editora Globo de Porto Alegre, e “Fogos Cruzados” , de José Olympio de Rio de Janeiro, incluía autores tais como Montaigne, Laclos, Stendhal, Flaubert, Maupassant, Verlaine, Balzac, Plato, Shakespeare, Fielding, Emily Brontë, Dickens, Nietzsche, Tolstoy e Poe.

Tais coleções podiam ser muito lucrativas para as editoras, como o comprador do volume inicial da série foi induzida a comprar o segundo volume, etc.. Isso também é uma maneira de introduzir a linha de montagem à indústria de livros. A coleção também pode classificar autores de uma maneira muito diferente à habitual, planejando a recepção do leitor e organizando suas expectativas do texto.

Podemos contrastar a situação econômica favorável para a indústria do livro incipiente no Brasil durante a era Vargas com a política de abertura econômica após a queda de Vargas em 1945, quando, como uma taxa de câmbio artificialmente alta para agradar os exportadores de café, os livros importados em várias áreas tiveram um tratamento preferencial, e, em muitos casos, foram vendidos a preços mais baratos no Brasil do que no país de origem. Durante os anos 50 os livros importados foram vendidos a uma taxa do dólar preferencial que varia de 33% a 60% da taxa do dólar oficial, com o resultado de que saia mais barato importar os livros em si do que o papel para imprimir livros. E como os direitos de tradução tinham que ser pagos na taxa cambial oficial, era muito mais barato importar uma tradução feita no Portugal do que comprar os direitos no Brasil e fazer a tradução no Brasil. Obviamente, nesse período, o crescimento no mercado

editorial no Brasil foi reduzido, especialmente na área de traduções, e os livros brasileiros tornaram-se demasiado caros para serem exportados para Portugal.

### **MONTEIRO LOBATO - "Um país se faz com homens e livros "**

A figura chave do desenvolvimento da indústria do livro no Brasil é José Bento Monteiro Lobato, escritor de ficção, livros infantis, e tratados sobre as maneiras de trazer uma mentalidade mais avançada para o Brasil, e editor, primeiro na Monteiro Lobato e Cia., e depois na Companhia Editora Nacional. Lobato foi o primeiro editor no Brasil que tentou desenvolver um mercado de massa para livros e desenvolver a indústria de livros como uma indústria de consumo. Até Lobato a grande maioria das editoras estavam nas mãos de empresas francesas e portuguesas, e o mercado alvo era a elite francófila da classe média. Lobato também protestou contra o fato de que não existissem impostos sobre livros importados do Portugal.

O sucesso inicial de Lobato foi com *Urupês* (1918), estórias sobre a vida rural inspiradas por sua experiência como fazendeiro em Taubaté, no qual apresentou Jeca Tatu, o caipira indolente que representava o atraso e ignorância do campo. Isso foi seguido por *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921), no qual introduziu seu elenco de crianças e bonecos no *Sítio do Picapau Amarelo*. O sucesso de ambos os livros foi enorme e, de muitas maneiras, iniciou a indústria livreira no Brasil. *Urupês* foi reeditado cinco vezes, e a primeira edição de *Narizinho* vendeu 50.500 exemplares, 30.000 dos quais foram distribuídos a escolas no estado de São Paulo. Em 1920 mais da metade de todos os livros publicados no Brasil foram publicados por Monteiro Lobato e Cia., e em 1941, 1/4 de todos os livros publicados no Brasil foram publicados por a Companhia Editora Nacional de Lobato (k:133). Lobato era uma figura importante muito

importante de 1918 até 1927 no Brasil, como, além do sucesso desses dois livros, contribuía regularmente a *O Estado de São Paulo*, e também comprou e editava a revista, *Revista do Brasil*.

Lobato acreditava que uma indústria crescente nacional seria de grande ajuda ao desenvolvimento nacional: "Um país se faz com homens e livros" (k: 99; Am:44). As pessoas atuam através do conhecimento humano de outras pessoas, que encontra-se nos meios de comunicação, e depois, como resultado, atuam ".

Mas a pesar deste elogio do livro, Lobato tinha uma atitude bastante prática a vender livros, que ele via enquanto objetos comerciais que podiam ser vendidos como quaisquer outros produtos, numa variedade de pontos de venda: "livro não é gênero de primeira necessidade... é sobremesa: tem que ser posto embaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice" (in k:72). Aumentou seu número de pontos de venda de 40, o número total de livrarias no Brasil, para 1.200, o que incluía farmácias, e bancas de jornal. Inovou em termos da apresentação visual de livros,, introduzindo capas que eram muito mais interessantes do que as capas amarelas e sem ilustrações que seguiam a moda francesa.

Lobato enfatizou a importância que o Brasil deveria dar para sua própria cultura. Estava sempre contra a cultura francófila dominante, copiando as últimas modas francesas nas artes, na música e na literatura. Queria abrir o Brasil às literaturas alemã, escandinava, e anglo-americana, e *Peter Pan*, *Alice in Wonderland*, *Robinson Crusoe*, *Tom Sawyer*, *Huckleberry Finn* and *Gulliver's Travels*. A Companhia Editora Nacional, que abriu em 1925 após a falência de Monteiro Lobato e Cia., que investiu excessivamente em máquinas gráficas, também publicou Conan Doyle, Eleanor H. Porter, Hemmingway, H. G. Wells, Melville, Jack London, Steinbeck e Kipling. Assim, Lobato ajudou a iniciar um movimento que ia continuar até a Segunda Guerra Mundial, quando o inglês finalmente tomou o lugar do francês como a língua estrangeira mais

estudada no Brasil. Lobato também publicou autores desconhecidos, assim democratizando acesso à indústria editorial. Antes de Lobato um autor sempre precisava dos contatos certos ou dinheiro para ser publicado.

De 1927 a 1931 Lobato foi o adido comercial do governo brasileiro nos estados Unidos e ficou muito impressionado pela organização e eficiência econômica americanas. Era grande fã de Henry Ford, e visitou sua fábrica em Detroit. Acreditava a produção em série, iniciada por Ford, podia ser aproveitada na indústria livreira. A maneira na qual os EUA haviam aproveitado seus recursos minerais, especialmente ferro, carvão e petróleo, mostrava Lobato o que o Brasil podia ser capaz se o país tomava os passos corretos e desenvolvesse sua própria indústria petrolífera, não deixando-a a mercê das trustes multinacionais, especialmente a Standard Oil Corporation. Na sua volta ao Brasil, Lobato investiu todo seu dinheiro e esforços na prospeção de petróleo no Brasil. Porém, esses planos foram derrotados pelo endurecimento da ditadura de Vargas em 1937 e o começo do Estado Novo, quando todos os esforços de prospeção de óleo foram centralizados e colocados sob o controle do governo. As perdas de Lobato eram grandes.

Toda a literatura infantil disponível no Brasil quando Lobato começou a escrever foi escrita no português do Portugal, e o desejo de fornecer histórias que seus próprios filhos e outras crianças brasileiras podiam ler estimulou Lobato a escrever histórias infantis. Lobato acreditava no desenvolvimento da língua brasileira, e que, após 400 anos de subserviência a Portugal, estava na hora para definitivamente quebrar os laços com Lisboa e desenvolver uma língua brasileira separada.

Numa carta de 1921 menciona seus planos para introduzir uma série de livros infantis, com mais “leveza e espíritosidade” (Vieria 146) de que as histórias publicadas anteriormente por Jansen Muller, que Lobato ia retrabalhar e “melhorar”. Lobato ficou perplexo pela linguagem

utilizada nas traduções da Editora Garnier, de proprietários franceses, e comentou que "Temos que refazer tudo isso - abrigilizar a linguagem" (k:88, G:276), e recomendava que o tradutor Godofredo Rangel tomasse a liberdade de melhorar o original quando necessário. Assim, a técnica de Lobato é de adaptação, de utilizar uma linguagem mais simplificada, que podia ser entendida por crianças, seu público alvo.

Os livros infantis de Lobato também incluem certos coloquialismos que eram bastante ousados para a época. Exemplos de *Peter Pan* são "gabolice" ("bunk"), "prosa" ("chat"), e "mangar" ("make fun of"), e, em outras obras, "danada" ["cursed"], "diaba" ["(female) devil"], "macaca" ["(female) monkey"], , "fedorento" ["stinking"], "focinho" ["snout"], "berrou" ["yelled"]. Talvez essas palavras sejam bastante suaves hoje em dia, mas eram bem mais ousadas na época na qual Lobato estava escrevendo (Calvalheiro 208). O estilo de Lobato privilegia a comunicação, e esse estilo mais informal foi criticado por críticos mais conservadores. Lobato estava a favor de uma reforma ortográfica. Emília até risca a "a" a mais no nome completo de Cervantes, "Miguel de Cervantes Saavedra" na tradução de *Don Quijote* que encontra na biblioteca.

Lobato fez um número grande de traduções, que, após suas perdas de Wall St. em 1929 e a tentativa infeliz de prospectar por petróleo no Brasil, tornaram-se sua maior fonte de renda. Entre outras traduziu as obras de Conan Doyle, H. G. Wells, Edgar Rice Burroughs, Lewis Carroll, Will Durant, Mark Twain, Kipling, os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Muitas da traduções parecem ter sido feitas às pressas e comparam mal com as suas adaptações mais cuidadosas de *Don Quijote* e *Peter Pan*.

*Don Quixote das Crianças* mostra claramente suas técnicas de adaptação. Emília, o alter ego de Lobato, consegue tirar um livro pesado do estante, uma tradução portuguesa de *Don*

*Quijoje*, que Dona Benta começa a ler para seus netos. Porém, as crianças e a própria Dona Benta acham que o estilo muito literário é muito bombástico. Depois de ouvir "lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor" (DQ:16), Emília, que, como Lobato, é contra tudo que é ultrapassado e atrasado, não consegue entender, e está pronta para jogar esconde-esconde. Assim, a própria Dona Benta reconta a estória para as crianças. Essa recontagem e adaptação também acontece com *Peter Pan*, enquanto *Robinson Crusoe* (1930), *As Viagens de Gulliver* (1937), *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho* são adaptados sem intervenções. Próximo ao fim de *D. Quixote das Crianças*, Pedrinho pergunta se a Dona Benta esteja contando toda a estória o somente partes, e Dona Benta responde que somente pessoas maduras deveriam tentar ler a obra inteira, e que somente o que entretém a imaginação de crianças deveria ser incluída em tais versões (dq 152). As qualidades "literárias" não tem lugar numa obra infantil, e as imaginações de crianças deveriam ser estimuladas por uma linguagem fluente e fácil. Numa carta de 1943, Lobato descreve as dificuldades que tinha para

"extirpar a "literatura" de meus livros infantis. A cada revisão nova mato, como quem mata pulgas, todas as literaturas que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram *As Fábulas*. Como achei pedante e requintado! De lá raspei quase um quilo de "literatura" e mesmo assim ficou alguma..." (Abramovich: 152)

Em *Peter Pan* e *Don Quixote das Crianças* esse contato íntimo com a estória é enfatizado pela interação que os ouvintes têm com a estória e as personagens. Lobato utiliza a técnica de Sherazade, com Dona Benta interrompendo a estória todas as noites às nove horas, hora para se deitar, e promete mais entretenimento para a noite seguinte. Os ouvintes ficam envolvidos com a estória. Em *Peter Pan*, Emília faz um gancho para colocar na sua mão. Em *Don Quixote das Crianças*, se disfarça como Don Quijote, e ataca as galinhas e a cozinheira, dizendo

que ela é o gigante Freston; o neto de Dona Benta, Pedrinho, o outro alter ego de Lobato, também se envolve com os livros. Depois de ouvir a história de Carlos Magno, diz que o Roldon ficou incarnado nele mesmo, depois de conseguir uma velha espada, ir à plantação de milho, e, pensando que as espigas de milho são 300,000 moros, decapita todas. (Q94-95).

A obra de Lobato é claramente didática como ele está sempre colocando seus temas favoritos no meio da história. Um dos mais importante é o de expandir o mercado de livros. No começo de *Peter Pan*, Pedrinho e Narizinho, e, Emília, depois de ter ouvido sobre Peter Pan em *As Reinações de Narizinho*, pergunta, Dona Benta, quem é Peter Pan. Como Dona Benta não sabe, escreve para uma livraria de São Paulo, que a envia a obra de Barrie em inglês. Lobato assim insere uma propaganda para livrarias e a possibilidade de comprar livros por remessa postal. Depois, reconta a história às crianças em português, assim oralmente recontando o livro. Pedrinho também herdou o espírito de empresário de Lobato como ele pretende montar uma fábrica de brinquedos no Brasil quando crescer, e pretende fabricar um elenco de bonecos, incluindo cópias dos no Sítio do Picapau Amarelo (12).

Lobato introduz exercícios de extensão de vocabulário com as explicações de Dona Benta de "pigmento"(22), cinegética [relacionado à caça] (60), "excêntrico" (85), o uso de "líquido" em "uma questão líquida" (pp:59), e "interpolada" (Q190). Referências a Marie Antoinette (30), a etimologia do nome do navio de Captain Hook, "Hiena dos Mares" (75), a razão pela qual Cervantes escreveu *Don Quijote* (Q:18), o fato de que os barbeiros também trabalhavam como cirurgiões (dq 100), a explicação de estalactites e estalagmites (PP:59), de formatos diversos de livros: folio, in oitavo, etc. (Q 152-3) também estendem o conhecimento geral do leitor.

Narizinho diz que gosta de *Peter Pan* porque é uma estória moderna, mais engraçada e muito diferente das estórias tradicionais de Grimm, Andersen, Perrault, com seus reis, rainhas, princesas, fadas, assim refletindo as tentativas de Lobato para renovar a literatura brasileira infantil (28).

Lobato era *persona non grata* do governo nacionalista do *Estado Novo* de Getúlio Vargas, que o desprezava por seu internacionalismo, suas comparações negativas do Brasil com outros países, e sua contínua intromissão. Em março de 1941 Lobato foi acusado de enviar uma carta insultante ao Presidente Getúlio Vargas, e ao General Gois Monteiro, e foi sentenciado a seis meses de reclusão, dos quais serviu três, a pesar de grandes protestos de intelectuais contra sua reclusão.

O *Peter Pan* teve vários problemas políticos. Em junho de 1941, o público promotor público de São Paulo, Dr. Clóvis Kruel de Moraes, fez um relato ao Tribunal de Segurança Nacional a favor de proscrever a distribuição de *Peter Pan* como ia dar uma idéia muito falsa do governo do Brasil e dava a impressão que Brasil era um país muito inferior à Inglaterra. Um trecho crítico foi o seguinte:

Por causa dos impostos, meu filho. Há no Brasil uma peste chamada governo que vai botando impostos e selos em todas as coisas que vêm de fora, a torto e a direito, só pela ganância de arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas.

Quando a narradora, Dona Benta, compara as crianças brasileiras às inglesas, diz que, diferente das brasileiras, todas as crianças inglesas têm um quarto próprio, um *nursery*, que estaria sempre cheio de brinquedos bem fabricados. Este nursery também teria moveis especiais e papel de parede. Do outro lado, o quarto da criança brasileira seria "um quarto qualquer e por isso não tem nome especial" [reference](#), assim demonstrando a inferioridade das condições de

vivência no Brasil. Da mesma maneira, compara os sistemas de aquecimento. Nos países adiantados do Norte todas as casas têm aquecimento central, e não uma lareira. Embora o aquecimento central não seja necessário no Brasil, existe um elo óbvio aqui com os "países atrasados" (PP: 59-60) como as crianças brasileiras vivem em casas de baixíssima qualidade e têm brinquedos de baixa qualidade.

Outro trecho no qual Lobato critica Brasil é quando Emília pergunta se as crianças inglesas brincam com um "boi de xuxu", muito comum no campo no Brasil quando Lobato escrevia. Uma das personagens principais de Lobato é Visconde, feito de uma espiga de milho (pp:12). Dona Benta responde que as crianças inglesas são muito mimadas e recebem os brinquedos que eles querem, e que esses brinquedos não são muito caros, como são no Brasil. Os brinquedos alemães de alta qualidade fabricados em Nuremberg também são elogiados. Por enquanto, no Brasil, a indústria de brinquedos está somente começando. Obviamente, aqui, como no trecho citado, Lobato insere suas opiniões contra o protecionismo econômico, a política econômica do governo de Vargas.

Outro relatório feito para o Tribunal de Segurança Nacional, por Tupy Caldas, acusou a obra de Lobato de ser excessivamente materialista, faltando nela qualquer tipo de espiritualismo, e que sua obra deve ser proscrita porque era perigosa ao programa nacional de educação por deixar de contribuir à formação da "juventude patriótica, continuadora da tradição cristã, unificadora da Pátria". O próprio Vargas, consciente do possível papel que os livros podiam Ter, enfatizava esse perigo:

Todo e qualquer escrito capaz de desvirtuar esse programa é perigoso para o futuro da nacionalidade. O nosso mal até aqui foi justamente dar liberdade excessiva aos escritores, quando é o livro o mais forte veículo de educação. (in Carneiro 1997: 76)

Tanto Peter Pan quanto Don Quijote podem ser vistos enquanto figuras anárquicas, deixando de respeitar a autoridade. Pedrinho diz: " -O que eu gosto em D. Quixote- observou Pedrinho, é que ele não respeita cara. Mêdo não é com ele. Seja clérigo, seja moinho de vento, seja arrieiro, êle vai de lança e espada em cima, como se fôsem carneiros" [ (DQ:91). Não é de se surpreender que o anti-clericalismo de Lobato era impopular com a direita da igreja católica. Essa opinião pode ser vista no *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*, de Pe. Sales Brasil, no qual o padre acusava Lobato de fomentar a revolução comunista, maus modos dentro da família, ateísmo, e solapar o direito à propriedade particular.

Como resultado das instruções da Tribunal de Segurança Nacional, o DEOPS confiscou todos os exemplares de *Peter Pan* que encontrava no estado de São Paulo.

### **Lobato e a Antropofagia**

Nas adaptações de Lobato podemos observar uma maneira muito importante na qual uma nação em desenvolvimento como o Brasil pode utilizar obras do Primeiro Mundo. Lobato adapta as histórias originais, muda a ênfase original; em *Don Quixote das Crianças* “traduz” o difícil português original numa linguagem mais simples e legível. Diz que hoje "usamos a linguagem a mais simplificada possível, como a de Machado de Assis, que é o nosso grande mestre". No outro lado, os escritores clássicos portugueses usavam uma linguagem mais rica e construções mais complexas (Q:190-1). Em *Peter Pan* Lobato faz uso de comparações com a realidade brasileira, como, por exemplo, quando os índios norte-americanos são comparados com os índios brasileiros, e uma comparação é feita com os *caboclos*.

Adriana Viera compara o uso antropofágico que Lobato faz dos originais com o de Haroldo e Augusto de Campos (Vieira: 153). Embora Lobato esteja adaptando a literatura

comercial dentro de um domínio comercial, e os Campos estejam traduzindo literatura mais erudita, Vieira acredita que tanto Lobato quanto os irmãos Campos aproveitam do texto original numa maneira anthropofolológica, adaptando o original e colocando sua marca nele.

## **Conclusão**

Neste trabalho examinei duas forças que são muitas vezes antagonísticas, ambas das quais foram responsáveis pelo aumento de traduções nos anos de 1930 e 1940. Primeiro, as políticas nacionalistas do governo Vargas estabeleceram altos impostos sobre importações, o que ajudava a impedir a importação de romances franceses e outras obras culturais. Segundo, a crescente base industrial no Brasil fornecia uma classe média sem o conhecimento de línguas, que ia formar o público leitor para o número crescente de obras traduzidas. Terceiro, o cinema, especialmente, Hollywood, aumentou a apetite pelo o estrangeiro, especialmente o americano. Quarto, o governo deu incentivos fiscais a editoras brasileiros.

Ao mesmo tempo. Lobato usava suas traduções para criticar as políticas nacionalistas das políticas do governo de Vargas. Seus acréscimos a *Peter Pan* demonstram o tipo de mentalidade empresarial necessária no Brasil; seu contraste entre a qualidade de brinquedos brasileiros e ingleses mostra a baixa qualidade dos produtos brasileiros, o que deveria ser melhorada por meio da livre concorrência. E a decisão de Lobato de traduzir e adaptar *Peter Pan* e *Don Quixote*, duas figuras bastante anárquicas, mostra sua própria desobediência à ditadura de Vargas e seu desejo por uma sociedade leiga, e com alto nível de desenvolvimento cultural e econômico.

## Referências

- Abramovich, Fanny. "Lobato de Todos Nós", in *Vozes do Tempo de Lobato*, ed. Paulo Dantas. São Paulo: Traço, 1982, 145-157.
- Borges, Jorge Luis, "Los tradutores de 1001 Noches". In *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- Brasil, (Pe.) Sales. *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*. Bahia: Aguiar & Souza, 1957.
- Carneiro, Maria Luiza Tucci Carneiro. *Livros Proibidos, idéias Malditas: O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- Carvalho, Edgard. "Lobato entre a Cruz e a espada: Defesa do seu Amigo e Biógrafo", in *Vozes do Tempo de Lobato*, ed. Paulo Dantas. São Paulo: Traço, 1982, 207-213.
- Koshiyama, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor*. São Paulo: Quatro, 1982.
- Landers, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- Monteiro Lobato. *Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- Monteiro Lobato. *D. Quixote das Crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1957
- Pagano, Adriana. "Something Called Books": *Translations and Publishers' Collections in the Editorial Booms in Brazil and Argentina from 1930 to 1950*, Adriana Silvina Pagano, in *Emerging Views on Translation History in Brazil*, CROP, revista do Curso de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, da FFLCH, USP. No. 6, 2001.
- Sommer, Doris. "Irresistible romance", in *Nation and Narration*, ed. Homi Bhabha. London: Routledge, 1990, pp. 71-98.

Tymozcko, Maria. "Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts", in *The Translator*, Volume 6, Number 1, 2000, 23-47. (1999). *Translation in a Postcolonial Context*. Manchester: St. Jerome.

Vieria, Adriana Silene. "Monteiro Lobato Translator", in *Emerging Views on Translation History in Brazil*, *CROP*, revista do Curso de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norteamericana, da FFLCH, USP. No. 6, 2001, pp. 143-169.